

Os versos de *The Ecclesiast*, de John Ashbery, foram reproduzidos da obra *River and Mountains* (Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1967). Copyright © 1962, 1963, 1964, 1966 de John Ashbery. Reproduzido com autorização de George Borchardt, Inc., em nome do autor.

#### FICHA TÉCNICA

Título original: *His Dark Materials — The Amber Spyglass*

Autor: *Philip Pullman*

Copyright © 2000 by Philip Pullman

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2002

Tradução: *Maria do Rosário Monteiro*

Ilustração da capa © Chris Wormell, 2017

Ilustração da capa reproduzida sob autorização da Scholastic Ltd.

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

2.<sup>a</sup> edição (1.<sup>a</sup> edição na coleção «Estrela do Mar»), Lisboa, agosto, 2003

Reimpressão, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 198 346/03

A tradutora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A sua aplicação, após a entrega da tradução, deve-se à política da Editorial Presença para os livros destinados ao público juvenil.

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Oh, louva o seu poder, Oh, canta a sua graça,  
Cujas vestes são a luz, cujo dossel é o espaço;  
As suas quadrigas de ira profundas nuvens trovejantes criam,  
E negro é o seu caminho nas asas da tempestade.*

Robert Grant,  
*Hymns Ancient and Modern*

*Oh, estrelas,  
não é de vós que nasce o desejo do amante pela face  
da sua amada? Não deriva o conhecimento secreto  
das suas belas feições das puras constelações?*

Rainer Maria Rilke,  
«The Third Duino Elegy»  
*The Selected Poetry of Rainer Maria Rilke*,  
(Trad. para inglês de Stephen Mitchell)

*Finos vapores evadem-se do que os vivos fazem.  
A noite está fria, delicada e cheia de anjos.  
Esmagando a vida. As fábricas estão todas iluminadas,  
O carrilhão soando desaparecido.  
Estamos juntos finalmente, embora afastados.*

John Ashbery,  
«The Ecclesiast»  
in *River and Mountains*

## ÍNDICE

1. A Menina Encantada .....	11
2. Balthamos e Baruch .....	18
3. Os Necrófagos .....	41
4. Ama e os Morcegos .....	48
5. A Torre de Diamante .....	55
6. Absolvição Preventiva .....	64
7. Mary, Sozinha .....	74
8. Vodca .....	86
9. Subindo o Rio .....	100
10. Rodas .....	109
11. As Libelinhas .....	120
12. A Fratura .....	132
13. Tialys e Salmakia .....	142
14. Descobrir o Que É .....	153
15. A Forja .....	165
16. A Aeronave Intencional .....	176
17. Óleo e Laca .....	194
18. Os Subúrbios dos Mortos .....	206
19. Lyra e a Morte .....	220
20. A Escalada .....	234
21. As Harpias .....	240
22. Os Murmuradores .....	254
23. Sem Saída .....	264
24. A Sra. Coulter em Genebra .....	278
25. Saint-Jean-les-Eaux .....	291
26. O Abismo .....	303
27. A Plataforma .....	314
28. Meia-noite .....	319

29. A Batalha na Planície .....	329
30. A Montanha Enevoadada .....	337
31. O Fim da Autoridade .....	345
32. Manhã .....	358
33. Maçapão .....	370
34. Agora, já Tem! .....	382
35. Para além das Colinas, ao longe .....	388
36. A Seta Quebrada .....	402
37. As Dunas .....	411
38. O Jardim Botânico .....	426
AGRADECIMENTOS .....	442

# 1

## A MENINA ENCANTADA

*... enquanto animais ferozes, saídos de profundas cavernas, observavam a donzela adormecida...*

WILLIAM BLAKE

Num vale abrigado pela sombra dos rododendros, perto da linha de neve, onde um ribeiro leitoso de gelo derretido corria rápido e onde pombas e pintarroxos voavam sobre enormes pinheiros, encontrava-se uma caverna, meio escondida por uma rocha escarpada em cima e as folhas pesadas e hirtas que a encobriam por baixo.

Os bosques estavam repletos de sons: o ribeiro correndo por entre as rochas, o vento assobiando nas agulhas dos ramos dos pinheiros, o zumbido dos insetos e os gritos de pequenos mamíferos que viviam nas árvores, para além das canções dos pássaros; de tempos a tempos, uma rajada mais forte de vento fazia com que os ramos de um cedro ou de um abeto chocassem com os de outro e gemessem como um violoncelo.

Era um lugar intensamente iluminado pelo Sol, nunca encoberto; flechas de uma luminosidade dourada e cor de limão disparadas sobre o chão da floresta por entre barras e manchas de sombras castanho-esverdeadas; e a luz nunca estava imóvel, nunca era constante, porque uma névoa deslocando-se ao sabor do vento pairava muitas vezes sobre o topo das árvores, filtrando toda a luz do Sol e transformando-a numa luminosidade perlífera e pincelando as copas dos pinheiros com uma humidade que brilhava depois de a névoa desaparecer. Por vezes, a humidade das nuvens condensava-se em minúsculas gotas, meio

névoa meio chuva, que escorria, em vez de cair, produzindo um suave ruído sussurrante por entre os milhões de agulhas.

Havia um caminho estreito que ladeava o ribeiro e que partia de uma aldeia — na realidade pouco maior que um aglomerado de cabanas de pastores — no fundo do vale até uma capela quase em ruínas perto do topo do glaciário, um lugar onde esvoaçavam bandeiras de seda esfarrapadas, hasteadas aos ventos perpétuos vindos das altas montanhas, e oferendas de bolos de cevada e chá seco eram depositadas por aldeões piedosos. Um estranho efeito da luz, da neve e da humidade envolvia o cimo do vale em arcos-íris perpétuos.

A caverna ficava um pouco acima do carreiro. Muitos anos antes, um homem santo tinha vivido ali, meditando, jejuando e rezando e o lugar era venerado em sua memória. Tinha cerca de nove metros de profundidade e o chão era seco; um covil ideal para um urso ou um lobo, mas as únicas criaturas que a tinham habitado nos últimos trinta anos foram pássaros e morcegos.

Porém, a forma que se acocorava à entrada da caverna, os seus olhos negros olhando para um lado e para o outro, as orelhas levantadas, não era nem de pássaro nem de morcego. A luz do Sol incidia forte sobre o seu pelo dourado e lustroso e as suas mãos de macaco viravam uma pinha para um lado e para o outro, arrancando as escamas lenhosas com dedos fortes e retirando os pinhões doces.

Atrás dele, um pouco para além da zona que a luz do Sol iluminava, a Sra. Coulter aquecia água numa pequena panela colocada sobre um fogão de nafta. O seu génio soltou um murmúrio de aviso e a Sra. Coulter levantou os olhos.

Subindo o carreiro da floresta vinha uma rapariguinha da aldeia. A Sra. Coulter sabia quem ela era: Ama há alguns dias que lhe vinha trazer comida. A Sra. Coulter espalhara a notícia, logo que chegara, de que era uma mulher piedosa que se dedicava à meditação e às preces e que fizera voto de nunca falar com nenhum homem. Ama era a única pessoa cujas visitas ela tolerava.

Desta vez, contudo, a rapariguinha não vinha sozinha. O pai dela acompanhava-a e enquanto Ama subiu até à caverna, ele aguardou um pouco mais afastado.

Ama chegou à entrada da caverna e fez uma vénia.

— O meu pai envia-lhe preces pela sua boa vontade — disse.

— Saudações, criança — respondeu a Sra. Coulter.

A menina transportava uma trouxa envolta num pedaço de algodão desbotado que colocou aos pés da Sra. Coulter. Depois, ofereceu um

pequeno ramo de flores, cerca de uma dúzia de anémons presas com uma tira de algodão e começou a falar numa voz rápida e nervosa. A Sra. Coulter compreendia um pouco da linguagem daqueles habitantes das montanhas, mas nunca os deixaria perceber até que ponto sabia a sua língua. Por isso sorriu e fez sinal à rapariga para se calar e observar os génios das duas. O macaco dourado estendia a sua mão pequena e preta e a borboleta-génio de Ama esvoaçava, aproximando-se até poisar num dedo caloso.

O macaco aproximou o dedo lentamente do ouvido e a Sra. Coulter sentiu uma ligeira corrente de compreensão fluir para a sua mente, clarificando o significado das palavras da rapariga. Os aldeões estavam felizes por uma mulher piedosa, como ela, se ter refugiado na caverna, mas havia rumores que ela tinha uma companheira com ela que era, de algum modo, perigosa e forte.

Era isso que fazia com que os aldeões se sentissem amedrontados. Seria esse outro ser mestre ou serva da Sra. Coulter? Teria intenções malévolas? Porque é que ela estava ali? Iriam ambas ficar muito tempo? Ama transmitiu aquelas questões com milhares de receios.

Ocorreu à Sra. Coulter uma resposta original enquanto a interpretação que o génio fazia se filtrava para o seu espírito. Ela podia dizer a verdade. Não toda a verdade, evidentemente, mas uma parte. Sentiu um pequeno tremor de riso perante a ideia, mas manteve-o afastado da voz enquanto explicou:

— Sim, está mais alguém comigo. Mas não há nada a recear. Ela é minha filha e está sob o efeito de um feitiço que fez com que adormecesse. Viemos para aqui para nos escondermos do feiticeiro que lhe lançou o feitiço enquanto eu tento curá-la e protegê-la. Anda vê-la, se quiseres.

Ama estava meio anestesiada pela voz suave da Sra. Coulter, mas também algo receosa; a conversa sobre feiticeiros e feitiços contribuía para o temor que sentia. Mas o macaco segurava o seu génio com tanta suavidade e, para além disso, ela era curiosa por natureza, por isso seguiu a Sra. Coulter para o interior da caverna.

O pai, que se encontrava lá em baixo, no caminho, deu um passo em frente e a sua corva-génio abriu as asas uma ou duas vezes, mas o homem não avançou mais.

A Sra. Coulter acendeu uma vela, porque a luz do dia diminuía rapidamente, e conduziu Ama para o interior da caverna. Os olhos da menina brilharam intensamente na escuridão e as suas mãos faziam um gesto repetitivo acariciando os polegares com os dedos

indicadores, um gesto para afastar o perigo confundindo os espíritos malévolos.

— Estás a ver? — perguntou a Sra. Coulter. — Ela não pode fazer mal a ninguém. Não tens nada a recear.

Ama olhou para o corpo deitado dentro do saco-cama. Era de uma rapariga mais velha do que ela, com talvez mais três ou quatro anos; tinha o cabelo de uma cor que Ama nunca tinha visto antes — um loiro-acastanhado semelhante à cor do pelo de um leão. Tinha os lábios comprimidos um contra o outro e estava profundamente adormecida, disso não havia qualquer dúvida, porque o génio dela estava enroscado e inconsciente em volta do pescoço da rapariga. Ele tinha a forma de um animal semelhante a um icnêumone, mas de cor vermelho-dourada e mais pequeno. O macaco dourado acariciava ternamente o pelo entre as orelhas do génio adormecido e quando Ama olhou, o icnêumone-génio agitou-se, inquieto e soltou um gemido leve e rouco. O génio de Ama, sob a forma de um rato, aconchegou-se no corpo da menina e olhou temeroso por entre o cabelo dela.

— Agora podes dizer ao teu pai o que viste — continuou a Sra. Coulter. — Não há nenhum espírito maligno. Apenas a minha filha, adormecida por um feitiço e ao meu cuidado. Mas, por favor, Ama, diz ao teu pai que isto deve ser mantido em segredo. Ninguém, para além de vocês os dois deve saber que Lyra está aqui. Se o feiticeiro descobrisse onde ela está, procurá-la-ia para a destruir, e a mim também, bem como tudo o que estiver por perto. Por isso, caluda! Diz ao teu pai e a mais ninguém.

Ajoelhou-se ao lado de Lyra e afastou o cabelo húmido da cara antes de se inclinar e beijar a face da filha. Depois, olhou para cima com uma expressão de tristeza e amor nos olhos, e sorriu para Ama com uma tal compaixão corajosa que a rapariguinha sentiu as lágrimas inundarem-lhe os olhos.

A Sra. Coulter pegou na mão de Ama enquanto se dirigiam para a entrada da caverna e viu o pai da rapariga observando ansiosamente lá de baixo. A mulher uniu as mãos e fez-lhe uma vénia a que ele respondeu com alívio quando a filha, tendo também feito uma vénia à Sra. Coulter e à menina encantada, se virou e correu pela colina abaixo, à luz do crepúsculo. Pai e filha fizeram mais uma vénia na direção da caverna e partiram, desaparecendo na escuridão dos pesados rododendros.

A Sra. Coulter regressou para junto do fogão onde a água estava quase a ferver.



Acocorando-se, esfarelou um punhado de folhas secas para dentro da água, uma pitada tirada de um saco, outra de outro e juntou três gotas de um óleo de cor amarelo-pálida. Mexeu o líquido com vivacidade, contando mentalmente até terem passado cinco minutos. Depois retirou a panela de cima do fogão e sentou-se à espera que o líquido arrefecesse.

À sua volta encontravam-se alguns objetos retirados do acampamento junto ao lago azul onde Sir Charles Latrom tinha morrido: um saco-cama, uma mochila com mudas de roupa, objetos de higiene e outras coisas do género. Havia também uma caixa de lona com uma estrutura forte de madeira, forrada com sumaúma, que continha vários instrumentos; havia ainda uma pistola num coldre.

O decocto arrefeceu rapidamente ao ar fresco e assim que estava à temperatura do corpo a Sra. Coulter verteu-o cuidadosamente para dentro de um recipiente de metal e transportou-o para o fundo da caverna. O macaco-génio deixou cair no chão a pinha com que brincava e seguiu-a.

A Sra. Coulter colocou cuidadosamente o recipiente sobre uma rocha e ajoelhou-se ao lado da adormecida Lyra. O macaco dourado acocorou-se a seu lado, pronto para agarrar Pantalaimon se este acordasse.

O cabelo de Lyra estava húmido e os seus olhos moviam-se por trás das pálpebras fechadas. Começava a despertar: a Sra. Coulter sentira as pestanas dela tremer quando a beijara e sabia que não teria muito tempo até que Lyra despertasse completamente.

Colocou uma mão por baixo da cabeça da rapariga e com a outra afastou-lhe os cabelos húmidos da cara. Os lábios de Lyra entreabriram-se e ela gemeu suavemente; Pantalaimon aproximou-se mais um pouco do seu peito. Os olhos do macaco dourado nunca se desviaram do génio de Lyra e os seus pequenos dedos pretos remexeram o rebordo do saco-cama.

Um olhar da Sra. Coulter e ele soltou o tecido e afastou-se alguns centímetros. Suavemente, a mulher ergueu a filha para que os ombros dela deixassem de estar apoiados no chão e a cabeça pendeu para trás. Subitamente, Lyra respirou fundo e os seus olhos entreabriram-se, trémulos, pesados.

— Roger — murmurou. — Roger... onde estás... não consigo ver-te...

— Chiu — suspirou a mãe —, chiu, querida, bebe isto.

Colocando o recipiente perto da boca de Lyra, inclinou-o para deixar que uma gota lhe molhasse os lábios. A língua de Lyra sentiu

o líquido e mexeu-se para o lambar e então a Sra. Coulter deixou que um pouco mais de líquido escorresse para a boca da menina, com muito cuidado, deixando que ela engolisse antes de verter mais.

Foram necessários vários minutos, mas por fim o recipiente ficou vazio e a Sra. Coulter voltou a deitar a filha. Assim que a cabeça de Lyra tocou no chão, Pantalaimon voltou a enroscar-se-lhe em volta do pescoço. O seu pelo vermelho-dourado estava tão húmido como o cabelo de Lyra. Estavam os dois outra vez profundamente adormecidos.

O macaco dourado saltitou ligeiro até à entrada da caverna e sentou-se mais uma vez a observar o carreiro. A Sra. Coulter molhou um pano numa bacia de água fria e humedeceu a testa de Lyra, depois abriu o saco-cama e lavou-lhe os braços e os ombros, porque Lyra estava com febre. Depois a mãe pegou numa escova e suavemente desmanchou os nós do cabelo de Lyra, penteando-o para trás, afastando-o da testa.

Deixou ficar o saco-cama aberto para que a menina pudesse arrefecer e desatou o embrulho que Ama trouxera: algumas fatias de pão, um bolo de chá, um pouco de arroz pegajoso embrulhado numa grande folha. Estava na hora de acender uma fogueira. O frio das montanhas era intenso durante a noite. Trabalhando metodicamente, ela desfiou uma mecha seca, preparou a madeira e acendeu um fósforo. Havia outra coisa com que se devia preocupar: os fósforos estavam a acabar e o mesmo acontecia com a nafta do fogão. A partir de agora teria de manter a fogueira acesa dia e noite.

Mas o seu génio estava aborrecido. Ele não gostava do que ela estava a fazer ali, na caverna, e quando tentou expressar-lhe a sua preocupação ela afastou-o bruscamente. O macaco virou-lhe as costas, o seu desprezo manifestando-se em cada linha do seu corpo enquanto atirava as escamas da pinha para a escuridão. Ela não fez caso, antes continuou a trabalhar metódica e perseverantemente para acender a fogueira e ferver água na panela para fazer chá.

Contudo, o ceticismo do macaco afetava-a e enquanto esfarelava o bloco de chá preto para dentro da água, interrogou-se sobre o que pensava que estava a fazer, se estaria a enlouquecer, e uma vez e outra perguntou-se o que aconteceria quando a Igreja descobrisse. O macaco dourado tinha razão. Ela não estava simplesmente a esconder Lyra; ela estava a fechar os olhos à situação.

*Na escuridão o rapazinho aproximou-se, cheio de esperança e de medo, murmurando uma vez e outra:*

*— Lyra... Lyra... Lyra...*

*Atrás dele estavam outras figuras, ainda mais sombrias do que ele, e também mais silenciosas. Pareciam pertencer ao mesmo grupo e à mesma espécie, mas não tinham caras que fossem visíveis nem vozes que fossem audíveis; a voz do rapazinho subiu acima de um murmúrio e a sua cara estava desfocada e ensombrada como algo meio esquecido.*

*— Lyra... Lyra...*

*Onde é que eles estavam?*

*Numa grande planície onde nenhuma luz brilhava no céu negro de ferro e onde uma névoa obscurecia o horizonte em todas as direções. O chão era de terra nua, alisada pela pressão de milhões de pés, apesar de aqueles pés pesarem menos que plumas; então deve ter sido o tempo que a alisou, mas o tempo ali estava imóvel; então aquele lugar devia ter a forma que sempre tivera. Era o fim de todos os lugares e o último de todos os mundos.*

*Porque é que eles estavam ali?*

*Eram prisioneiros. Alguém cometera um crime, embora ninguém soubesse qual tinha sido, nem quem o tinha cometido, nem que autoridade tinha presidido ao julgamento.*

*Porque é que o rapazinho continuava a chamar o nome de Lyra?*

*Esperança.*

*Quem eram eles?*

*Fantasmas.*

*E Lyra não conseguia tocar-lhe, por mais que se esforçasse. As suas mãos perplexas moviam-se de um lado para o outro e o rapazinho permanecia ali, implorando.*

*— Roger — chamou Lyra, mas a sua voz não era mais do que um suspiro —, oh, Roger, onde estás? Que lugar é este?*

*Ele respondeu:*

*— É o mundo dos mortos, Lyra... não sei o que devo fazer... não sei se vou ficar aqui para sempre, e não sei se fiz coisas más ou assim, porque eu tentei ser bom, mas odeio isto, estou apavorado, odeio isto...*

*E Lyra respondeu:*

*— Eu*